



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MIGUELY PEREIRA DA SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE LEITURA E ESCOLA: SOBRE A IMPORTÂNCIA DE SE
TRABALHAR A LEITURA NA ESCOLA**

Campina Grande

2014

MIGUELY PEREIRA DA SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE LEITURA E ESCOLA: SOBRE A IMPORTÂNCIA DE SE
TRABALHAR A LEITURA NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências legais para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. VALDECY MARGARIDA DA SILVA

Campina Grande

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Miguely Pereira da.
A relação entre leitura e escola [manuscrito] : sobre a importância de se trabalhar a leitura na escola / Miguely Pereira da Silva. - 2014.
40 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dr. Valdecy Margarida da Silva,
Departamento de Educação".

1 Leitura. 2 Formação de leitores. 3. Leitor. 4. Ensino
fundamental. I. Título.

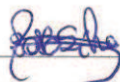
21. ed. CDD 372.4

MIGUELY PEREIRA DA SILVA

A RELAÇÃO ENTRE LEITURA E ESCOLA: SOBRE A IMPORTÂNCIA DE SE
TRABALHAR A LEITURA NA ESCOLA

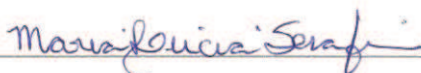
Aprovado em: 06 / 03 /2014

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Valdecy Margarida da Silva - UEPB

Orientadora



Prof. Ms. Maria Lúcia Serafim - UEPB

Examinadora



Prof. Dr. Paula Almeida de Castro – UEPB

Examinadora

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros.

(LAJOLO, 2004, p. 7).

Dedico...

Dedico este trabalho a vocês que sempre me apoiaram e me fizeram acreditar na realização dos meus sonhos: meus pais Maria e Francisco.

A você Aderaldo, companheiro na vida e nos sonhos, que sempre me apoiou nas horas difíceis e vivendo também as alegrias.

AGRADECIMENTOS

A Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

Aos meus pais, irmãs, meu esposo Aderaldo e toda minha família que, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

As minhas grandes amigas Larysse Authayra, Haydee Euzebio, Anyara Medeiros, e ao meu amigo Walter Lucio, que sempre estiveram ao meu lado tanto nos momentos felizes como nos momentos de dificuldades que passamos juntos.

A querida orientadora professora Dr^a. Valdecy Margarida da Silva, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Obrigada!

RESUMO

Pensando a leitura como atividade que vai além da mera decodificação linguística, a entendemos como uma atividade que se torna um processo de construção realizado em conjunto entre professor, texto e aluno. Assim, buscamos refletir sobre o que vem a ser leitura, e sua relação com a escola, atentando para a função mediadora do professor no processo de leitura. Diante disso, temos por objetivos refletir sobre a relação entre leitura e escola, bem como sobre a formação do leitor no contexto escolar, atentando para a abordagem dada ao estudo de leitura por parte dos professores, os seus hábitos de leitura, dificuldades encontradas em sala de aula, bem como a importância do desenvolvimento do gosto pela leitura por parte dos alunos. Para tanto, procedemos uma revisão da literatura baseada nas pesquisas desenvolvidas por Aguiar (2001), Costa (2007), Kleiman (2002), Coelho (2000) Maia (2007), dentre outros, além da aplicação de questionários semi-estruturados a professoras da rede municipal de ensino fundamental do município de Gado Bravo PB, realizando, assim, uma pesquisa de campo, que se configura como um estudo de caráter exploratório. Diante disso, destacamos que é de grande valia um estudo que se dedique a refletir sobre a formação do leitor no contexto escolar por meio da mediação do professor, uma vez que possibilita novos caminhos para se pensar a leitura e sua relação com a escola, bem como para a elaboração de novos trabalhos acadêmicos pautados nas ideias aqui expostas.

Palavras-chave: Leitura; escola; professor/mediador; leitor.

SUMÁRIO

0. INTRODUÇÃO.....	09
1. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA: REFLEXÕES INICIAIS.....	11
1.1 O ato de ler e a formação do leitor crítico.....	15
2. LEITURA E ESCOLA: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA.....	19
3. O TRABALHO COM LEITURA DESENVOLVIDO EM SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS PROFESSORES.....	25
3.1 Como o hábito de leitura é incentivado na escola.....	26
3.2 Sobre os hábitos de leitura dos professores.....	28
3.3 Sobre a importância de os alunos terem gosto pela leitura.....	34
3.4 Sobre as dificuldades encontradas para trabalhar com leitura em sala de aula.....	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
5. REFERÊNCIAS.....	40
6. APÊNDICE.....	42

O. INTRODUÇÃO

Entendendo a leitura como atividade que vai além da mera decodificação linguística, embora reconheçamos a relevância e necessidade da decodificação como pré-requisito para se ler bem, a leitura configura-se enquanto atividade que se torna um processo de construção realizado em conjunto entre professor, texto e aluno. Diante disso, buscamos refletir, na presente pesquisa, sobre o que vem a ser leitura, e sua relação com a escola, atentando para a função do professor enquanto mediador da leitura, um elo entre texto e aluno.

Compreendemos o conceito de leitura como algo bastante amplo e complexo, visto que, ler envolve uma série de conceitos, experiências e vivências por parte do leitor. Consideramos que a leitura mantém uma intrínseca relação com a escola e esta tem a função de formar leitores competentes, aptos na construção de bases para continuarem aprendendo durante toda a vida e encaminhando-os para o exercício da cidadania.

Assim, consideramos a leitura enquanto competência para a qual a escola deve estar bastante atenta, pois um ensino de qualidade precisa formar leitores críticos e reflexivos que saibam se posicionar diante do texto lido destacando a sua importância para o desenvolvimento do homem, se atentado para o ato de ler tanto no seu aspecto individual como social.

Destacamos, aqui, a necessidade de se conceber a leitura partindo da experiência prévia dos alunos e sua visão de mundo. Entendemos o ato de ler como um “ato da consciência que não se exaure nele mesmo para resultar numa atividade que busca a compreensão do “ser” e “estar” no mundo. Nesse sentido, o ato de ler sustenta-se não só em bases psicológicas, mas também em bases históricas e filosóficas” (MAIA, 2007, p. 27).

Diante disso, destacamos que é de grande valia um estudo que se dedique a refletir sobre a relação entre leitura e escola, atentando para a formação do leitor no contexto escolar, tendo em vista a abordagem dada ao estudo da leitura por parte dos professores, os seus hábitos de leitura, dificuldades encontradas em se trabalhar com leitura, bem como a importância do desenvolvimento do gosto pela leitura por parte dos alunos.

Desta forma, o presente artigo pretende discutir a relação entre leitura e escola, enxergando a leitura como uma atividade dinâmica que pode ser trabalhada na escola por meio da mediação do professor. Além disso, pretendemos refletir sobre as práticas dos professores frente à necessidade e à urgência de se trabalhar a leitura em sala de aula, destacando a escola como um espaço privilegiado para a formação de leitores proficientes,

bem como a importância da atuação do professor enquanto educador e mediador entre texto e leitor.

Para tanto, procedemos uma revisão da literatura baseada nas pesquisas desenvolvidas por Aguiar (2001), Cosson (2010), Costa (2007), Kleiman (2002), Coelho (2000) Maia (2007), dentre outros, bem como aplicação de entrevistas semi-estruturadas com professoras da rede municipal de Gado Bravo Paraíba. A pesquisa, que se configura como um estudo de caráter exploratório, ressalta a importância de se incorporar nas escolas o trabalho com leitura em sala de aula.

O presente artigo está dividido em três tópicos para melhor situar o leitor. No primeiro, intitulado “*A importância da leitura: reflexões iniciais*”, onde abordamos o subtópico: *O ato de ler e a formação do leitor crítico*, trazemos reflexões sobre o processo do ato de ler e como se dar a formação do leitor crítico. No segundo tópico, intitulado “*Leitura e escola: uma relação necessária*”, buscamos relacionar leitura e escola, destacando que esta tem a função de formar leitores e não de pressioná-los no espaço educacional. Por fim, no terceiro e último tópico, intitulado “*O trabalho com leitura desenvolvido em sala de aula: uma análise das respostas dos professores*”, partimos para a análise do *corpus* de nossa pesquisa de campo, espaço em que tratamos como o hábito de leitura é incentivado na escola, dos hábitos de leitura dos professores, sobre a importância de os alunos terem gosto pela leitura e sobre as dificuldades encontradas pelos educadores para trabalhar com leitura em sala de aula.

1. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA: REFLEXÕES INICIAIS

A leitura faz parte de nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo a nossa volta, pois esta não implica unicamente a decodificação de símbolos, mas o ato de interpretar e compreender o texto, pois se trata de um processo interativo.

Considerando a leitura como imprescindível ao homem, vemos que é por meio dela que temos a possibilidade de percepção do mundo onde vivemos, possibilitando-nos trilhar nossos caminhos, adquirir conhecimentos e nos relacionarmos socialmente. Além disso, a leitura permite a compreensão da realidade que nos cerca, pois, conforme Freire (2006), “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra”.

Vendo a leitura como uma ferramenta fundamental às múltiplas dimensões sociais, a visão de Freire permite-nos refletir que a leitura é um processo contínuo, uma construção. Nesse sentido, Coelho (2000, p. 122) enfatiza que “essa concepção de leitura nos leva a uma abordagem teórica que tem como pressuposto uma concepção de linguagem enquanto espaço de constituição de sujeito, ser histórico-social.”

Diante de tamanha importância da leitura, cabe refletirmos sobre o que vem a ser leitura, visto que há vários estudos na área de perspectivas diversas. O conceito de leitura é algo bastante amplo e complexo, visto que ler envolve uma série de conceitos, experiências e vivências por parte do leitor. Geralmente, o conceito de leitura apresenta-se relacionado ao ato de decodificação do mundo, dos objetos e símbolos. Entretanto, consideramos que a leitura não pode ser vista apenas como uma decodificação de símbolos, mas fundamentalmente como a sua interpretação.

Na concepção de Martins (2006, p. 31), as inúmeras concepções de leitura, podem ser resumidas em duas caracterizações: a decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana); a outra se refere ao processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).

Os estudos sobre a leitura se destacam principalmente a partir dos anos 70, mostrando que o foco da atenção por vezes centrava-se no sistema linguístico, o que diz respeito às teorias de decodificação, com os modelos ascendentes de leitura, por vezes no leitor, quando

se atentava para as teorias cognitivas, com os modelos descendentes de leitura, ou na interação leitor/texto, com as teorias interacionais, onde estão presentes os modelos ascendentes e descendentes de leitura e, recentemente as teorias interacionais, ou sócio-interacionais, com destaque ao letramento. Trata-se, portanto, de perspectivas diversas sobre a leitura que muito nos tem ajudado em nossas práticas pedagógicas em sala de aula, quando o objeto de ensino é a leitura.

No que diz respeito ao modelo ascendente de leitura (*ou bottom-up*), vemos que se trata de uma leitura que aponta os aspectos psicolinguísticos como os norteadores para a elaboração de interpretações e está fundamentado nas formulações da psicologia behaviorista, com uma perspectiva mecanicista da língua.

Kleiman (1989, p.23-25) destaca que se trata de um modelo de leitura que se centra num aspecto unidirecional das informações do texto, no qual há apenas uma decodificação do texto disposto nas páginas do livro, seguindo uma ordem preestabelecida. Seria, portanto, uma automatização da leitura que se caracteriza pela concepção de significados que está contido no texto, que o leitor precisa extraí-lo, utilizando os dados apresentados no texto.

Atentando às teorias da decodificação, de base estruturalista, vemos que há a concepção de leitura como decodificação sonora das palavras escritas, num processo de compreensão oral que está associada ao significado. Trata-se de um processo de leitura mediado pelo processamento de dados. Aqui a informação flui do texto para o leitor, e leitor só utiliza os dados presentes na escrita, sem levar em consideração as informações extra-textuais, com processos lineares, sintéticos e indutivos de leitura (SOLÉ, 2008).

São esse processos ascendentes de leitura que podemos perceber claramente nas séries iniciais do ensino fundamental, sendo eles a base dos métodos de alfabetização, onde primeiro conhece-se a letra, a sílaba, até chegar à palavra e só então ao texto, com uma interpretação textual simplória, onde se faz perguntas óbvias e que não levam o leitor a refletir.

No modelo descendente de leitura (*top-down*) a informação flui do leitor para o texto, o oposto do modelo anterior, de forma que o significado do texto é atribuído de acordo com sua experiência prévia do leitor e seus objetivos. Destaca-se, portanto, a capacidade do leitor em fazer inferências a partir do seu conhecimento prévio, ou seja, os conhecimentos extra-textuais que o leitor possui. Este modelo de leitura comunga com as idéias de Goodman (*apud* NARDI, 2006) quando destaca o modelo psicolinguístico de leitura, como um jogo de adivinhação, onde o leitor tem a tarefa de construir a mensagem codificada pelo escritor do

texto, envolvendo uma interação entre pensamento e linguagem, envolvendo as informações sintáticas e semânticas para compreensão do texto.

Destacam-se aqui as teorias cognitivas de base psicolinguística, ampliando a unidade do estudo, não se centrando apenas na palavra, mas sim no texto. Nessa concepção de leitura, o significado do texto está na mente do leitor e é construído por meio de suas informações prévias, suas hipóteses, o que não significa que qualquer texto pode ter qualquer interpretação e ser realizada qualquer leitura. Há de se ter cuidado, pois as hipóteses de leituras precisam ser confirmadas por meio das pistas linguísticas. Assim, a leitura configura-se como uma construção de sentidos, por meio dos conhecimentos de mundo que ele lança mão durante a leitura.

Esses conhecimentos de mundo estão organizados em estruturas cognitivas, denominadas de esquemas, quadros e molduras que orientam a significação a ser dada ao texto. Neste modelo, o aluno pode identificar rapidamente as idéias mais gerais, podendo tirar conclusões precipitadas, gerando uma leitura inadequada ou identificar apenas os pontos que lhe interessam, não realizando uma leitura completa do texto.

Nas teorias interacionais de leitura, de base cognitiva e comunicativa, destacam-se os modelos ascendentes/descententes de leitura, considerando a leitura como um processo ao mesmo tempo perceptivo e cognitivo, onde se desenvolvem as informações dispostas no papel e o significado que se concretiza na interação entre leitor e autor, através do texto. Neste caso, o leitor usa sua competência leitora para interagir com o texto, por meio de procedimentos interativos e pistas linguísticas.

Percebemos que neste modelo teórico a informação flui nas duas direções, do texto para o leitor e do leitor para o texto, por meio de um processo perceptivo, cognitivo e social (modelo sócio-interacional ou sócio-interacionista.)

Assim, consideramos a leitura atividade constante da condição humana, como uma forma de viver no mundo, como (re) construção da sociedade em que o leitor encontra-se inserido.

Na sociedade atual, todas as atividades humanas giram em torno da leitura, seja das mais diversas formas. Assim, ter o domínio da leitura é uma forma de garantir a cidadania e a participação social, uma vez que se destaca o seu caráter informativo e instrumental em nossa vida social, acadêmica e profissional.

Segundo Kleiman (2008), a leitura precisa levar o leitor a apreender o sentido que há no texto, e por isso, não se deve ver apenas o ato da decodificação. Assim, entende-se a leitura

como um processo interativo, visto que no ato de ler estão interligados os mais diversos conhecimentos do leitor e a cada nova leitura se consegue acionar outros textos sobre a mesma temática, num processo de intertextualidade, gerando um diálogo entre os textos e as experiências do leitor. Há, assim, uma interatividade, onde o leitor aprende a associar os mais diversos textos e conhecimentos. Trata-se de uma relação entre sujeito leitor e autor ou texto, uma vez que a que leitura é um processo e não um produto dado e acabado.

Nos estudos pragmáticos, segundo Kleiman (2008, p. 39), há de se considerar “[...] a relação do locutor com o interlocutor através do texto e a determinação pelo contexto num processo que se institui a leitura” para compreender a leitura em seu papel social, onde o leitor usufrui do direito de interlocutor textual. Assim, o leitor utiliza a leitura como prática sociocultural numa perspectiva interacionista, deixando de ser apenas um reproduzidor de conhecimento e informações, passando a sujeito da ação de ler.

Diante disso, é fundamental refletir que a leitura está além do texto escrito e disposto no papel, precisando valorizar as experiências do leitor, o que é destacado por Luckesi *et al*

Leitura é o exercício constante, reflexivo e crítico da capacidade que nos é inerente de ouvir e entender o que nos diz a realidade que nos cerca e da qual também somos parte integrante. É o exercício da captação, através dos mais variados símbolos, sinais e manifestações, da informação, conteúdo e mensagem que os outros nos transmitem sobre a realidade, tanto nossa quanto deles. É o exercício da capacidade de formar nossa própria visão e explicação sobre os problemas que enfrentamos a que se constituem, para nós, sem constante provocação no sentido de lhes oferecer respostas e soluções adequadas (LUCKESI, 2001, p. 122):

Há estudiosos que analisam a leitura por meio de sua relação com a escrita, como Solé (2008) que destaca a leitura como um processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. A autora ressalta ainda que nessa compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Nesse sentido, há uma correlação necessária entre texto e leitor. Consiste, pois, em dar ao leitor o seu devido valor, visto que o considera como parte fundamental desse ato árduo, mas ao mesmo tempo sublime, que é a leitura.

A concepção de leitura pressuposta por Kleiman (2007) está vinculada a uma prática social que remete a outros textos e outras leituras. Para essa autora, quando lemos qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crença e atitudes que refletem o grupo social em que fomos criados.

1.1 O ato de ler e a formação do leitor crítico

Partindo da ideia da necessidade de se conceber a leitura por meio da experiência prévia do aluno e sua visão de mundo, entendemos o ato de ler como um “ato da consciência que não se exaure em si mesmo para resultar numa atividade que busca a compreensão do “ser” e “estar” no mundo. Nesse sentido, o ato de ler sustenta-se não só em bases psicológicas, mas também em bases históricas e filosóficas” (MAIA, 2007, p. 27).

Segundo Silva (*apud* MAIA, 2007, p. 28), considerado um dos pioneiros no uso da terminologia “Pedagogia da leitura”,

ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo (Silva *apud* MAIA, 2007, p. 28),

Na perspectiva de Geraldi (1996), a leitura e a escrita são concebidas do ponto de vistas das práticas sociais, sendo o ato de ler como um ato de interação e interlocução tratando-se de um processo de construção de significados e imputações de sentidos. Portanto, para o autor:

Aprender a ler, é assim, ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontraremos frente a frente, e por interagirmos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as gentes e suas relações. Isto é ler (GERALDI, 1996, P. 70).

Assim, de acordo com Maia (2007, p. 29), a leitura é uma atividade necessária não só ao projeto educacional do indivíduo, mas também ao projeto existencial, e que, além de ser um ato que se realiza no âmbito da cognição, apresenta caráter social, histórico e político.

Sendo uma atividade primordial ao projeto educacional do indivíduo e da sociedade, a leitura precisa estar presente no cotidiano escolar do aluno, de forma a contribuir para a sua vida. Como destaca Silva (2009, p. 38), “a leitura está muito associada à vida escolar”. Todavia, devemos pensar como está sendo feita essa associação, principalmente no que diz respeito ao texto literário.

Entretanto, como frisa a própria estudiosa, esse atrelamento da leitura à escola pode gerar um ar negativo: o de “dever”, de obrigatoriedade, dificultando ainda mais a relação entre texto e leitor em formação. Devido a isso, destaca-se a necessidade de se tratar o texto da melhor maneira possível dentro dos limites da sala de aula.

Destacamos o aprendizado da leitura como um processo que dá acesso ao mundo de conhecimentos, processo este que requer uma relação de idas e vindas no qual a leitura constata em sala de aula possibilita a formação de leitores proficientes e, é por meio da leitura, realizada primordialmente em sala de aula, que o aluno conhece o mundo a sua volta.

Concebendo a leitura como um processo, Solé (1998) destaca as estratégias de leitura que são as ferramentas necessárias para o seu desenvolvimento. É por meio dessa visão que concebemos a leitura como um percurso que serve de preparação para a formação de um leitor competente e, adotamos a ideia de Maia (2007, p 77) de que “no processo de interação com o livro de literatura, mesmo ainda não decifrando o código escrito, a criança constrói significados a partir de um referencial que lhe é muito particular: a própria experiência.” Assim, destacamos a necessidade do ensino de literatura desde as séries iniciais como forma de inserir a criança no mundo da leitura e nos imaginários literários, pois a formação de leitores constitui-se num processo lento que necessita de muita atenção e bom trato com o texto.

Todavia, o que se observa nas práticas escolares são situações complexas, pois, conforme Maia (2007, p. 33), faz-se um “discurso apologético sobre leitura, porém o professor não convence o aluno pelo exemplo, porque, ressalvadas as exceções, ele próprio não é um leitor [...]”

Diante dessa realidade escolar e diante da necessidade de uma abordagem interacionista da leitura, em que se destaque a relação texto/leitor/contexto e para que a literatura não perca seu encantamento no imaginário do leitor, bem como sirva de apoio para a formação de leitores competentes, destacamos a figura do professor enquanto um promotor da leitura.

De acordo com Boff

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é à vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiência tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita (BOFF, 1997, p.9).

O autor mostra a leitura entendida como ponto de vista ou de um lugar social e, por isso, correlacionada e ancorada num determinado momento sócio-histórico, pois o autor que fala por meio do texto posiciona-se de um lugar social, da mesma forma que o leitor, pois este fará suas interpretações, análises, inferências.

Segundo Martins (2006, p. 07), existe uma relação entre o ato de ler e a escrita, de modo que a leitura só acontece, efetivamente, “quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa.”

Kleiman (1989) também aborda as concepções de leituras inter-relacionadas destacadas por Martins (1986), apontando a leitura como um processamento que se estabelece em três níveis de conhecimento: o linguístico (quando o leitor compreende e atribui significados ao texto), o textual (quando percebemos se o texto é coerente ou não) e o prévio (a relação do texto com o mundo do leitor). Porém, esses níveis não podem ser vistos de formas dissociadas, mas de forma interligada, pois caso contrário, não haverá a compreensão do texto. Há aqui uma leitura numa perspectiva interativa, pois percebemos o ato de ler por diferentes conhecimentos e sentidos que são acionados para realizá-lo.

Nesse sentido, ler implica num processo de questionamento do mundo e de si mesmo, implicando que a interpretação do texto que é uma forma de resposta do leitor ao que o autor expôs em sua escrita.

2. LEITURA E ESCOLA: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

Pensando a relação entre leitura e escola, iniciamos questionando sobre *Por que e para que ensinar leitura? O que ensinar na vertente curricular da leitura? Como ensinar leitura?*

Nesse sentido, destacamos que "aprender a ler", dentre outros aspectos, possibilita uma capacitação para compreender os diferentes tipos de textos que existem em sociedade, possibilitando a participação do sujeito na dinâmica da língua, seja ela oral ou escrita. Trata-se de uma perspectiva social que deve ser assumida e cumprida pela escola através das ações docentes e das práticas curriculares.

Existe, ainda, a necessidade de a escola fazer uma observação crítica do contexto social no qual se encontra inserida, para que possa delinear os objetivos para as práticas de leitura, atentando para a necessidade de formar leitores questionadores, capazes de se situar conscientemente no contexto social e capazes de acionar processos de leitura, praticados e aprendidos na escola, no sentido de participar da conquista de uma convivência social mais feliz e menos injusta para todos. Assim, quer-se educar e promover um tipo de leitor que, pelas práticas de leitura, participe ativamente da construção e transformação social.

Diante disso, enfatizamos que é essencial o desenvolvimento de uma nova pedagogia de leitura, em que ler implique em participar da sociedade, posicionando-se frente à realidade.

No processo de interação com o texto, o leitor executa um trabalho de atribuição de significados a partir de sua história e de suas experiências. Trata-se de um trabalho individual, atentando-se para as experiências de vida de cada aluno são levadas em consideração no trabalho de leitura. Assim, há uma diferenciação no processo de atribuição de significados, o que permite o desvelamento de um número maior dos conjuntos de significação do texto.

Metodologicamente, ao submeter um texto à curiosidade dos leitores, é preciso criar situações que lhes permitam constatar determinados significados, refletir sobre os significados atribuídos, bem como, possibilitar a sua transformação. A Fenomenologia afirma que o leitor, pelo processo da constatação, verifica o sentido primeiro do texto; na reflexão, ele conclui que há sentidos no texto; e na transformação, ele gera mais sentidos para o texto. Daí dizermos que, ao ler, o sujeito-leitor cria, recria, reescreve ou produz um "outro" texto, resultante da sua história, das suas experiências, do seu potencial linguístico, dentre outros aspectos (SILVA, 1987).

Tradicionalmente, destaca Silva (1987), a rotina do trabalho de leitura em sala de aula, em que geralmente é um procedimento composto de leitura do texto, respostas a um

questionário, estudo da gramática e redação, transforma-se num “mecanismo estafante” e a leitura deixa de ser levada em consideração, transformando-se em uma atividade realizada quando não se tem mais o que fazer, como pretexto para estudo da gramática tradicional.

Diante desse contexto, percebemos que para tratar a escola como espaço de leitura, há a necessidade de se fazer uma inserção na história de cada um de nós, pois desde nosso nascimento, somos inseridos no mundo da leitura.

Para Cagliari (1994, p. 25), "o objetivo fundamental da escola é desenvolver a leitura para que o aluno se saia bem em todas as disciplinas, pois se ele for um bom leitor, a escola cumpriu em grande parte a sua tarefa". Vemos que o autor enfoca que a leitura deve ser a extensão da escola na vida cotidiana das pessoas para que elas sejam capazes de entender a sociedade em que vivem e transformá-la de acordo com as necessidades.

Muitas das pesquisas têm enfatizado, nos últimos anos, no tocante à formação do aluno, que o ato de ler está alicerçado na capacidade humana de compreender e interpretar o mundo. Todavia, no ambiente escolar, percebemos que os alunos, em sua maioria, se afastam e se desinteressam da leitura, percebendo a leitura como algo “chato” e que não precisa ser exercitado. Diante disso, alguns estudiosos acreditam numa “crise da leitura na escola”, destacando que no ambiente escolar a leitura é vista em segundo plano.

Para os que fazem parte do contexto educacional, é comum ouvir ou fazer comentários sobre as problemáticas da prática de leitura em sala de aula. Por vezes, essa realidade escolar do não gosto pela leitura torna-se tão constante que, tanto alunos quanto professores, encaram as aulas de leitura ora como verdadeiros martírios, ora como o momento em “a aula ainda não começou”, como se a leitura não fizesse parte das aulas de língua.

Isso dar-se, dentre outros fatores, pelo fato de a escola, em muitas situações, adotar uma leitura mecanizada, onde apenas o leitor passa os olhos superficialmente sobre o texto. Assim, faz-se essencial que a escola procure fugir dessa leitura mecânica, escolarizada inadequadamente, levando o aluno a uma compreensão sobre o significado de ler.

Segundo Silva:

A leitura ocupa, sem dúvida, um espaço privilegiado não só no ensino da língua portuguesa, mas também no de todas as disciplinas acadêmicas que objetivam a transmissão de cultura e de valores para as novas gerações. Isso porque a escola é, hoje e desde há muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o adentramento e a participação no mundo da escrita utilizando-se primordialmente de registros verbais escritos (textos) em suas práticas de criação e recriação de conhecimento (SILVA, 2005, p. 16).

Uma leitura escolarizada, dessa forma, apenas leva o aluno a perceber que há uma divisão entre leitura escolarizada e leitura do mundo, visão essa que precisa ser revista pela escola, pois isso acarretará numa prática que dificilmente mobilizará o aluno a interessar-se em ler, uma vez que quase sempre os textos são descontextualizados de sua realidade

Consideramos a leitura enquanto um processo de construção pessoal a partir dos conhecimentos e das experiências de cada aluno, reforçados pelas oportunidades que lhe são oferecidas, como por exemplo a criação de um espaço dentro da sala de aula que oportunize condições de acesso aos diferentes textos, possibilitando uma maior interação entre os alunos e os textos. Destacamos que tornar o indivíduo hábil no processo de ler é uma das principais tarefas da escola.

Sabemos que a escola, por muito tempo, teve como clientela apenas os representantes das classes sociais privilegiadas e, nesse período, não se tinha a problemática do ler como temos atualmente. Com o ingresso das classes populares, houve a entrada de variantes linguísticas socialmente desvalorizadas e essas variantes são alvos de exclusão. Dessa forma, a leitura vista pelos alunos como algo desvalorizado entra no cenário do fracasso escolar de alunos provenientes das classes populares (MAIA, 2007).

Com um número de escolas bem reduzido, os livros de leitura praticamente não existiam até meados do século XIX. No período Colonial a escolarização se dava nas fazendas ou engenhos e o “professor” era sempre alguém mais letrado como o padre, o capelão ou mesmo alguém contratado para esse fim. Os escravos eram proibidos de frequentar a escola e a educação das meninas era sempre voltada para que elas aprendessem a cumprir seu dever enquanto “donas de casa”, cumprindo as atividades domésticas. É a partir do período Imperial que se começa a tomar iniciativas para aumentar o nível de escolarização da população.

Com a globalização, mais postos de trabalhos surgiram e a necessidade de escolarização tornou-se evidente, alterando os costumes, os hábitos culturais, levando a educação a ser vista “algo necessário” ao desenvolvimento econômico e cultural.

Já na segunda metade do século XIX começaram a surgir livros de leitura destinados às séries iniciais da escolarização, substituindo as cartilhas. No final do século XIX e início do século XX, a escolarização expandiu e tornou-se “meta” do governo, o que culminou em várias reformas de ensino com novas posturas e propostas. Assim, os métodos e as teorias educacionais passaram a ser discutidos e difundidos.

Tradicionalmente, os alunos eram agrupados pelo nível de instrução que possuíam, medido pelo nível de leitura em cada um se encontrava, e o professor "tomava" a lição de cada um dos alunos, fazendo-os ler em voz alta.

Foi entre a década de 1920 até meados a de 1950 que vários livros de leitura foram produzidos. Porém, chegamos ao século XX com mais de 80% da população analfabeta, conforme dados do IBGE (2012). Todavia, mesmo com esse movimento da leitura no que diz respeito ao seu desenvolvimento, o cotidiano das escolas continuam sem muitas inovações.

Consideramos o período de iniciação escolar como fundamental para o desenvolvimento da leitura, pois vemos nas séries iniciais como algo que deve ser muito bem trabalhado, tendo em vista que é nessa fazer que se inicia o processo de formação do alunado.

Assim, por meio de atividades que envolvam as crianças, que chamem sua atenção, que valorizem seus conhecimentos, o professor pode e precisa incentivar o gosto dos alunos pela leitura, para que assim possam tirar proveito pessoal da leitura.

É necessário fazer da leitura algo constante no ambiente escolar, de forma a levar o aluno a ter contato com as mais variadas obras, gêneros, pois isso pode auxiliar no desempenho destes em relação às diversas atividades do seu cotidiano. Assim, o ato de ler precisa levar a criança à compreensão do texto, de forma que esta possa acionar seus conhecimentos prévios e não apenas decodificar o texto, decorando-o para “dar a lição” como é bastante abordado em sala de aula ainda hoje.

Para isso, tomamos a idéia de Freire (1989), que afirma que linguagem e realidade precisam ser relacionadas dinamicamente, bem como deve-se priorizar a valorização da experiência do aluno. Trata-se, portanto, de um trabalho de leitura significativa e contextualizada, que leve o aluno participante do processo de aprendizagem não apenas como um sujeito que receberá informação.

Nesse sentido, cabe à escola centrar seu foco de atenção para a formação de leitores, na busca de um direcionamento para o desenvolvimento da capacidade de utilizar a leitura socialmente.

Assim, ressaltamos a importância da escola na formação de leitores, pois acreditamos que a escola tem se constituído como a principal via de acesso à leitura. Desse modo, a escola é, pois, o lugar mais propício ao desenvolvimento de leitores críticos e proficientes, tendo em vista que a leitura trata-se de uma atividade que vai além da mera decodificação linguística, que possibilita enxergar o mundo a nossa volta e nos fornece os diversos tipos de conhecimentos.

Sabemos de todo o percurso histórico do ensino de leitura no Brasil, pois historicamente, a leitura aparece intrinsecamente relacionada com a escrita e apresenta-se moldada à escola que acaba por determinar as leituras que o aluno precisa fazer. Entretanto, há um grande desprestígio da leitura na escola, pois já é tradição o estudo prioritariamente da gramática, depois da escrita e por último da leitura como se fossem estudos dissociados, ocorrendo de forma descontextualizada.

Para Bamberger (1987, p. 92), o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, ou ao menos deveria começar, e a escola tem a função de aperfeiçoar essa habilidade, construindo sujeitos leitores proficientes. Entretanto, não vamos adentrar aos aspectos relacionados à leitura e família, tendo em vista que não se trata de nosso foco de pesquisa e que se trata de um assunto que merece estudos mais aprofundados.

A escola necessita proporcionar aos alunos o acesso ao conhecimento, pois dispõe de um ambiente propício ao desenvolvimento do processo de leitura, como as bibliotecas, as rodas de conversas e de leituras organizadas pelos professores e a ação pedagógica.

Concordamos com Silva (1987, p.42) ao destacar que “ler é participar mais crítica e ativamente da comunicação humana”. Assim, a leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento. Leitura é um excelente instrumento que permite ao homem situar-se com os outros, de discussão e de crítica para se poder chegar à práxis, bem como a aquisição de diferentes pontos de vista. Assim, destacamos que ao experimentar a leitura, o leitor executa um ato de compreender o mundo. Nesse contexto, para Silva(1987, p.43) “ler significa não só ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, mas também estudar a escrita, decifrar e interpretar o sentido, reconhecer e perceber.”

Uma nova proposta para o ensino da leitura precisa pautar-se na vivência do aluno, de forma a possibilitar uma coerência ou consistência entre fins e meios, entre teoria e prática, entre discurso e ação, permitindo ao aluno a realização da leitura do mundo presente no texto.

3. O TRABALHO COM LEITURA DESENVOLVIDO EM SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS PROFESSORES

O percurso metodológico

Tendo em vista as discussões acerca da temática da leitura em sala de aula, foco de nosso estudo, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico seguida de uma pesquisa de campo, aplicando uma abordagem de ordem analítica e interpretativa, que nos possibilitou identificar com mais clareza de que forma vem se abordando ensino da leitura em sala de aula.

Assim, nossa pesquisa, com perspectiva qualitativa e quantitativa, teve como ferramentas metodológicas questionários que foram direcionados a três professoras do Ensino Fundamental I da rede pública do município de Gado Bravo, Paraíba, a fim de visualizar a realidade dinâmica e complexa no dia a dia do contexto escolar em relação ao trabalho com a leitura.

O local escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Padre Godofredo Joosten, localizada no município de Gado Bravo/Paraíba, que funciona em anexo para dar assistência às turmas do 1º ao 5º ano nos turnos da manhã e tarde. A sua estrutura física é adequada para os alunos, pois se trata de uma escola pequena, mas com espaços bem distribuídos. A Escola possui oito salas de aulas, diretoria, quatro banheiros, biblioteca, sala de professores, brinquedoteca e um espaço de recreação. O corpo docente, em sua maioria, é composto por professoras graduadas em Pedagogia ou possui o curso de Magistério. Dentre esses educadores, a maioria possui especialização em Psicopedagogia.

Em relação aos questionários aplicados, optamos por questões discursivas e de múltiplas escolhas, com perguntas relacionadas ao trabalho com a leitura em sala de aula, o hábito dos professores pela leitura, as dificuldades encontradas em se trabalhar com leitura em sala de aula e a importância de os alunos terem gosto por leitura.

Assim, antes da coleta de dados, realizamos uma pesquisa bibliográfica, e posteriormente aplicamos os questionários. O tratamento dos dados deu-se por meio de análise crítica que foi organizada através da construção de categorias, para que se obtivesse um melhor resultado das respostas.

3.1 Como o hábito de leitura é incentivado na escola

Muito se discute sobre os processos metodológicos que envolvem a prática da leitura na escola, mas não podemos perder de vista que esta prática não pode ser considerada apenas como uma atividade didática, restringida ao contexto escolar, tendo em vista a função social da linguagem. Para tanto, faz-se necessário que a escola promova o trabalho com leitura com o intuito de refletir como se vem desenvolvendo o processo de conscientização de valores mais amplos atribuídos à leitura, assim, também, como as práticas pedagógicas, que visem à formação eficaz do leitor no seu meio social, ocorrem no contexto escolar.

Partindo da reflexão sobre o papel que a escola vem desenvolvendo com a leitura é que tentamos analisar, inicialmente, como o hábito de leitura é incentivado na realidade da escola.

Considerando primordialmente a necessidade do trabalho com a leitura em sala de aula e a importância desse trabalho se iniciar no e pelo professor, em nosso questionário, perguntamos aos educadores se o hábito de leitura é incentivado na escola e como isso ocorre. Respondendo a essa questão, as três professoras participantes da pesquisa afirmaram que o hábito de leitura é, sim, incentivado na escola. Duas indicaram que isso se dá por meio da utilização do livro didático e uma indica que é por meio de grupos de professores. Além disso, uma professora indica que esse incentivo se dá por meio “de textos de todos os gêneros, dos clássicos eternos da literatura, das obras do PNLD, etc.”

Diante das respostas das professoras, observamos que ainda predomina o uso do livro didático no trabalho com a leitura, destacando-se esse recurso como primordial para o trabalho em sala de aula. Outra questão que nos chamou a atenção foi o fato de uma das professoras indicar “os grupos de professores” como forma de incentivo à leitura, o que nos mostra a necessidade e a importância de uma formação continuada para os professores, pois nessa fala podemos ver que os encontros, as reuniões de professores, possibilitam um melhor trabalho pedagógico e didático, bem como o incentivo à leitura.

Além disso, há a indicação do Programa Nacional do Livro Didático/PNLD, da Secretaria da Educação Básica - SEB, que coordena o processo de avaliação pedagógica das obras inscritas, e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE, responsável pela aquisição e distribuição das obras didáticas às escolas, o que mostra que a escola e seu corpo docente estão atentos às necessidades e urgências da educação básica brasileira.

Por meio do PNLID são avaliadas e distribuídas aos alunos do Ensino Fundamental e Médio obras didáticas de Alfabetização e Letramento, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Química, Física, Biologia, Sociologia, Filosofia, Língua Estrangeira Moderna (Inglês/ Espanhol) e Arte, dicionários de Língua Portuguesa e obras complementares para os primeiros anos do Ensino Fundamental.

Nesse ponto, podemos pensar sobre o ato pedagógico dos professores em relação à leitura e comungamos com as palavras de Silva ao afirmar que:

[...] deve-se combater com todas as forças a tendência corrente de entender o ato pedagógico unicamente como sinônimo de leitura. O ato pedagógico envolve, sim, leituras da realidade e de textos que expressam realidade, mas esse ato não pode ser entendido de forma tão mesquinha ou estreita. O ato pedagógico é muito mais abrangente e complexo. Tem, na base, o diálogo entre professor e aluno e, no horizonte, os vários campos da cultura e do conhecimento (SILVA, 2005, p. 13-14).

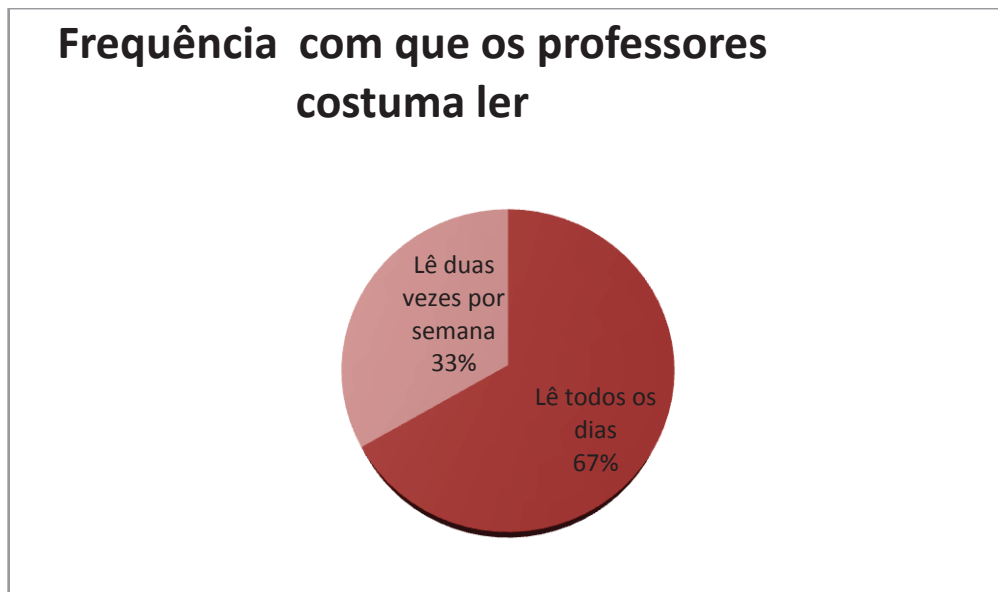
Vemos, pois, que o ato ou a prática pedagógica envolve necessariamente leituras múltiplas no sentido de compreender a realidade em que a escola está inserida. Assim, notamos que para se trabalhar a leitura em sala de aula é indispensável que esse trabalho seja incentivado constantemente na escola e podemos ver, segundo as falas das professoras participante da pesquisa, que esse hábito é cultivado na escola onde realizamos nossa pesquisa. Vemos, ainda, que isso se dar de diversas formas, o que é bastante significativo e importante para a realização de um trabalho de leitura de qualidade.

Nesse contexto, observamos que as professoras destacam o uso do livro didático (LD) como um instrumento de importante aporte à compreensão e prática da leitura em qualquer ambiente. Desde que este não seja tomado como o único recurso para tal, consideramos que é possível, ainda que de forma precária, desenvolver um trabalho com leitura utilizando o livro didático.

Destacamos que o livro didático é de fato um instrumento pedagógico de grande importância, mas que precisa ser bem utilizado, pois pode, por vezes, considerando a qualidade dos textos e o uso de fragmentos de textos, comum em vários livros, trazer abordagens “superficiais” em relação à leitura. Assim, salientamos que o livro didático pode ser de fato um mediador do processo de leitura, desde que proporcione momentos de interação entre o texto e o leitor e necessita da atuação do professor. Para tanto, é necessário que traga em sua construção propostas de leitura que propiciem o contato com os mais diversos gêneros textuais.

3.2 Sobre os hábitos de leitura dos professores

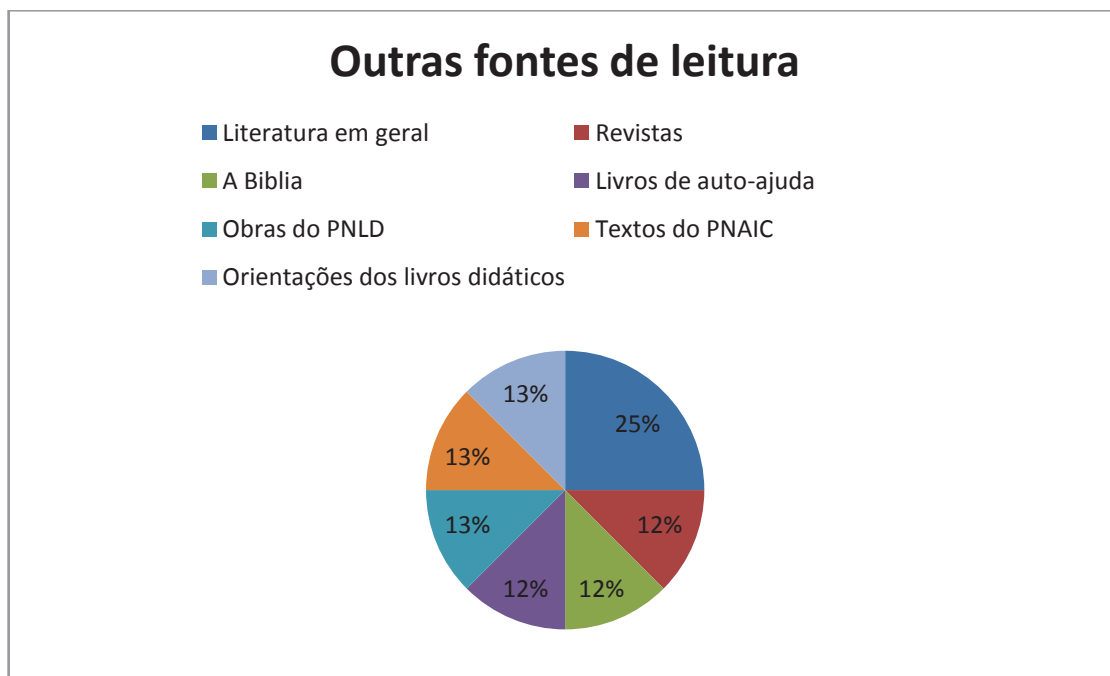
Ao atentarmos para os hábitos de leitura dos professores participantes da pesquisa, indagamos sobre a frequência com que os professores lêem, sobre o que costumam ler e sobre o que costumam consultar para elaborar suas aulas. Assim, em relação a frequência de leitura, podemos observar o que está esquematizado no gráfico que segue:



Diante desses dados, vemos que nem todos os professores leem diariamente, o que acaba indo contra a sua profissão, pois não há como um professor dar aulas diariamente e afirmar que não lê diariamente. O que podemos notar nesse posicionamento é que a professora que fez tal afirmação possui uma visão restrita em relação à leitura. O que se entende é que ela considera leitura apenas quando lê algo que não faz parte do seu cotidiano, como alguma literatura específica e não tudo o que ela lê para preparar as aulas e realizar todo o trabalho de educador.

Em relação ao que se costuma ler, notamos que 100% dos participantes da pesquisa afirma que realizam leituras de artigos e outros textos na internet. Verificamos que há uma constância na presença das novas tecnologias no cotidiano escolar, realidade que precisa ser bem trabalhada tanto em sala de aula com alunos e professores, quanto em estudos e pesquisas que envolvam essas tecnologias.

Outras fontes de leitura também foram indicadas, o que podemos observar no gráfico a seguir:



Diante desse dado, observamos que há uma predominância da literatura em geral, o que nos mostra que a literatura é algo constante na vida dos professores. Além disso, encontramos como resposta: a leitura da Bíblia, dos livros de auto-ajuda e, ainda, um total de 13% faz leitura das orientações dos livros didáticos. Tal resposta é algo preocupante tendo em vista que em outras respostas o livro didático foi indicado como a maior fonte de leitura para os alunos. No entanto, nem mesmo o professor realiza tal leitura, o que é indispensável; principalmente das orientações contidas nestes livros, que servem de aporte teórico, técnico e pedagógico para os professores.

Em relação ao tipo de leitura que o participante da pesquisa gosta, 100% indicou que gosta de leituras de paradidáticos. Mas além desse tipo de leitura, outros tipos foram indicados, como a leitura de auto-ajuda e romances, a leitura de textos técnicos e pedagógicos, compreendendo 67% dos participantes.

A indicação do uso dos paradidáticos e dos textos técnicos nos mostra que a maioria dos participantes da pesquisa mantém um hábito de leitura, não se limitando apenas aos textos relacionados aos conteúdos trabalhados em sala de aula, mas preocupam-se com leituras literárias e de livros paradidáticos em geral.

Já sobre o tipo de leitura/pesquisa que mais se utiliza para preparar as aulas, vemos que todos os participantes citaram o uso da internet e dos Livros Didáticos, enquanto uma professora mencionou o uso de literatura em geral, bem como de revistas. Vemos, assim, em evidência, os artigos e os textos da internet e, nesse dado, notamos o nítido avanço das novas tecnologias, onde a internet torna-se um instrumento pedagógico de grande valia.

Notamos neste ponto a presença de dois instrumentos pedagógico considerados opostos por muitos. Vemos que esses instrumentos podem ser utilizados em conjunto, de uma forma complementar, pois todos os participantes das pesquisa fazem uso tanto do tradicional LD, como das inovações da internet, nos mostrando o que Martins (2006) afirma: que a pedagogia atual vem defendendo a importância do diálogo em todo o processo de aprendizagem, e esse diálogo é observado no trabalho do professor que lança mão dos meios tradicionais e inovadores para o ensino de leitura.

Nos posicionamentos das professoras participantes da pesquisa vemos que não basta apenas ensinar a ler. Precisa-se antes de tudo ser leitor crítico e competente, para que se realize um trabalho de leitura que possibilite ao educando a construção do seu conhecimento.

Considerando a importância do papel do educador na seleção de estratégias de leitura, que é fundamental para que ocorra uma leitura significativa e contextualizada, destacamos que não basta apenas selecionar determinados textos ou livros, mas manter clara a sua intenção, ser capaz de justificar uma determinada escolha que fez.

De acordo com Koch (2006), no que concerne à leitura, cabe ressaltar que o educador, ao propor uma estratégia de leitura, deve levar em conta alguns fatores indispensáveis para um trabalho de leitura de qualidade, tais como a figura do interlocutor, as circunstâncias sócio/histórico/ambientais e culturais e as vivências dos alunos, realizando um trabalho contextualizado e instigante.

Assim, esses educadores precisam buscar recursos para que seja desenvolvida nos educandos a compreensão referente às estratégias de leitura que são essenciais, tendo em vista uma aprendizagem significativa, tanto por parte dos educandos, quanto dele próprio, pois à medida que entende as práticas de leitura, pode desenvolver o senso crítico do aluno que vai tornando-se leitor ao longo de sua vida escolar.

Sobre esse aspecto, ainda indagamos às professoras sobre o tipo de leitura oferecido aos alunos e, notamos que mais uma vez o livro didático destaca-se, bem como os livros paradidáticos, o acervo do PNLD e textos diversos como gibis e histórias. Apenas uma professora indica que oferece leitura dinâmicas, mas não chega a citar gêneros textuais, nem a

explicar o que seria essa “leitura dinâmica”, o que acaba por deixar um pouco vaga a sua resposta.

Perguntamos às professoras, ainda, sobre os recursos utilizados em sala de aula que deram resultados positivos em relação ao trabalho com a leitura e o que precisa ser melhorado. Em relação à essa questão, destacam-se o uso das obras do PNLD, a realização de compilação de textos, como indica uma professora que leva os textos para os alunos copiarem em casa e no dia seguinte socializar com a turma, o que para nós, demonstra o quanto a escola não tem a estrutura para formar alunos leitores e o quanto tal prática prejudica o trabalho com a leitura. A mera cópia de um texto, como sabemos, vai contra à uma prática de leitura dinâmica e contextualizada. Não que a prática de escrita de textos seja abolida das escolas, mas que seja bem trabalhada pelo educador em sala de aula, com a concepção sócio-interacionista da língua e da leitura. Foram citadas também leitura dinâmicas, leitura de contos, poesias, parlendas e travas-línguas.

Em relação ao que precisa ser melhorado, duas das três professoras indicaram que o incentivo à leitura por parte da escola, e em especial por parte da família, é basilar e necessita ser mais trabalhado, para que se tenham avanços significativos.

Ainda nessa linha de pensamento, e diante do grande destaque do livro didático, indagamos às professoras se o livro didático é suficiente no que diz respeito ao trabalho com a leitura e todas foram unânimes que de fato o LD não é suficiente para a realização de tal trabalho. Porém, não podemos fazer uma análise mais aprofundada em relação a esses posicionamentos, pois a maioria respondeu apenas “não” e tal resposta é insuficiente. Nenhuma deu uma justificativa que possibilite uma análise mais aprofundada. Apenas uma professora destacou que o livro didático torna-se insuficiente porque “neles nem sempre encontramos textos divertidos e que causem interesse e emoções”. Assim, nesse posicionamento da professora, notamos que a concepção que se tem de leitura é um tanto restrita, pois segundo essa fala, vemos que para a professora, para ser uma leitura agradável precisa ser divertida e promover a emoção, o que, para ela, geralmente não está presente nos livros didáticos.

Percebemos, pois, a restrição do livro didático em relação ao trabalho com a leitura, e por isso necessita de estudos mais aprofundados, o que não nos propomos aqui, pois não é foco de nossa pesquisa, mas de estudos futuros.

Além disso, diante do posicionamento da professora, percebemos a necessidade de atentar para a mediação do professor frente à formação de leitores competentes que, segundo

Maia (2007, p. 83), “redimensiona a relação aluno x professor, uma vez que a construção do conhecimento implica ação compartilhada”.

Essa estudiosa concebe a mediação tanto o envolvimento afetivo do professor com a obra, como a realização de práticas de leitura para/com a criança, em que o diálogo entre texto e leitor, mesmo iniciante, seja incentivado.

Portanto, cabe ao professor ser, antes de tudo, leitor proficiente, para que possa formar novos leitores atuando enquanto mediador entre texto e leitor. O professor, como mediador, necessita descobrir primeiramente que tipo de leitor ele é e o que gosta de ler. Trata-se de uma descoberta fundamental, pois o professor/mediador precisa transmitir a leitura de maneira prazerosa, para que o aluno sinta interesse em ler o que lhe é oferecido. Como afirma Petit (2008, p. 160), “para transmitir o amor pela leitura [...] é necessário que se tenha experimentado esse amor”. Havendo esse posicionamento por parte do professor, fica mais fácil a sua tarefa de aproximar os leitores dos textos.

De acordo com Martins (1994), o professor deve desempenhar a condição de auxiliar no diálogo entre o texto e o aluno em sala de aula. Para tanto, o professor necessita dominar e conhecer o texto e, ainda, estar pronto a auxiliar o aluno quando for necessário. Assim, o professor deve ler *com* o aluno e não ler *pelo* ou *para* o aluno.

Ainda, destacamos que papel do professor em sala de aula vai além de ensinar a decifrar códigos e símbolos. Cabe a ele, como educador, auxiliar seu aluno na compreensão e interpretação da leitura aplicada e a instigar a capacidade do senso crítico do educando.

Dessa forma, torna-se importante que o professor dê um tratamento especial para o trabalho com a leitura em sala de aula, pois o prazer de ler está relacionado ao prazer de criar novas situações, de viajar com as palavras para um mundo imaginário das histórias infantis, por exemplo, iniciando o trabalho com a leitura desde as séries iniciais.

Consideramos o professor como mediador da leitura entre aluno e texto e por isso, precisa, como destaca Lajolo (*apud* MAIA, 2007, p. 37) “gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê”.

O professor deve atuar como mediador da leitura e cabe a ele articular os trabalhos com leitura em sala de aula, propondo múltiplos modos de leitura, constituindo relações entre texto e contexto do aluno e entre o texto e outros textos. Para tanto, ele mesmo precisa ser um sujeito-leitor, pois “[...] subjacentes a essas afirmações está a necessidade de o docente ser persuasivo ao tratar da leitura, ser convincente pelo próprio exemplo, pois a fonte de interesse da

criança pelo livro pode estar no professor que se revela apaixonado pela leitura” (MAIA 2007, p. 37).

A esse respeito, Maia (op. cit.) destaca:

[...] tornar-se sujeitos das próprias leituras significa não fazer mais parte do jogo de simular leituras; significa, antes de tudo, fazer parte de um outro jogo - o de formar alunos-sujeitos das próprias leituras. Essa condição de “leitor-sujeito”. Que se exige tanto do professor quanto do aluno, revela o caráter político que o problema da leitura encerra (MAIA, 2007, p. 43).

A formação de leitores críticos é uma tarefa do professor, que possui um grande desafio à sua frente, pois trata-se de um processo lento e complexo, que requer a atenção do professor que precisa apresentar para o aluno obras de qualidade e para isso, é preciso que ele, o professor, seja um leitor crítico e reflexivo.

Exige-se, pois, uma postura ativa do professor em relação ao ensino de leitura, exige-se conhecimentos e procedimentos didáticos que se harmonizem em prol do desenvolvimento da leitura, delimitando, assim, o seu papel do professor enquanto mediador dessa prática.

A esse respeito, ainda trazemos o posicionamento de Zilberman, (*apud* Maia, 2007, p. 49) que destaca:

Formar um leitor crítico é atribuição do professor, e, nessa tarefa, a literatura realiza uma função formadora que não se confunde com missão pedagógica. Isto é, a obra que apresenta qualidade literária – que leva o leitor a tomar consciência do real, a posicionar-se perante a vida, a conviver com “realidades”, frutos do imaginário [...].

O professor no papel de mediador consiste em ajudar o aluno a estabelecer as relações entre o texto e seu conhecimento de mundo, a reconhecer os elementos linguísticos, a perceber a temática através dos elementos sequenciadores, ou seja, a controlar as informações já obtidas com a leitura do texto, sinalizando toda vez que for necessário. Com isso, ajudará o aluno a buscar em seu próprio conhecimento de mundo, referências que permitirão estabelecer a conexão entre o que foi dito no texto, o que ele já conhece sobre o que foi dito e ir além das entrelinhas do texto, com uma leitura reflexiva.

3.3 Sobre a importância de os alunos terem gosto pela leitura

Quando questionamos às professoras sobre a importância de os alunos terem gosto pela leitura, observamos respostas mais diversas por parte das participantes da pesquisa. Uma dessas participantes demonstrou não ter compreendido o sentido da pergunta e respondeu: “incentivo através de mim e da família. Quanto mais há incentivos, a possibilidade de avanços significativos aumenta. Se não tem incentivos da família, o meu incentivo é insuficiente.”

Podemos identificar nessa fala que a professora não mostra de fato a importância do desenvolvimento do gosto da leitura por parte dos alunos, mas indica a necessidade do incentivo da família e acaba não compreendendo ou não internalizando a importância do seu papel na formação de leitores ao afirmar que se a família não realizar o trabalho de incentivo à leitura, sua tarefa, enquanto professora, acaba sendo insuficiente, o que pode mostrar um posicionamento de desestímulo, de acomodação, limitando sua capacidade de formar leitores proficientes.

Outra professora destaca que “o Brasil precisa que seus alunos leiam mais, pois esse será um dos passos para o desenvolvimento do país” e a terceira participante afirma que “se faltar este interesse pela leitura, ou gosto, o aprendizado será mais lento”. Vemos na fala da última professora que em suas concepções o futuro do país está nos alunos que precisam dominar a leitura e criarem o gosto pela mesma, o que se torna imprescindível para o aprendizado.

É do conhecimento da maioria dos professores que o aluno que não domina a leitura adequadamente, certamente terá dificuldades também em outras disciplinas, além do fato de que, quando o aluno não amplia os seus conhecimentos com leituras constantes, ele apresenta dificuldades em relacionar e contextualizar os conteúdos, a partir dos conhecimentos que já possuem.

Para a maioria dos alunos, a leitura é concebida como uma atividade escolar que deve ser aprendida para ser utilizada apenas na escola e que tem a avaliação como único objetivo para que se aprenda a ler.

Entretanto, trata-se de uma visão estereotipada que precisa ser bem trabalhada em sala de aula com os alunos para que estes passem a encarar a leitura como uma das atividades mais importantes da vida deles uma vez que a partir da leitura que eles terão acesso ao conhecimento sistematizado.

Por outro lado, este condicionamento da leitura a um conceito ou nota é decorrente da própria concepção que a escola perpetua, quando não oferece condições nem situações para que seja modificada ou transformada. Quando se pratica a leitura condicionando-a a cobranças e obrigações, está se reforçando esta concepção e impossibilitando, pelos menos, o incentivo à leitura dentro e fora da escola.

3.4 Sobre as dificuldades encontradas para trabalhar com leitura em sala de aula

Lembramos que leitura não é a simples decodificação do que está descrito, mas é, antes de tudo, compreensão da funcionalidade do texto, um processo pelo qual o leitor constrói um sentido para o que lê e por isso não é tarefa das mais fáceis de se trabalhar em sala de aula.

Assim como os demais conteúdos e disciplinas, o ensino de leitura enfrenta dificuldades diversas diante do contexto educacional que vivenciamos. Em nosso questionário perguntamos aos participantes quais as dificuldades encontradas por eles em relação ao trabalho com a leitura em sala de aula e obtivemos as seguintes respostas: professora 1: “alguns não sabem ler, outros têm muita preguiça devido a pouca leitura”; professora 2: “alunos que não gostam de ler”; professora 3: “desinteresse por parte de alguns alunos”

Diante desses posicionamentos, podemos refletir que ainda temos no Brasil um sistema de ensino precário, principalmente em relação à leitura, pois são visíveis os índices de fracasso da educação brasileira em que os alunos não conseguem realizar leituras de forma proficiente, mesmo nos anos finais da primeira etapa do Ensino Fundamental, ressaltando que não estamos nos referindo às turmas de alfabetização, mas às turmas de 2º, 3º e 4º anos do Ensino Fundamental. Essa condição de não saber ler de muitos alunos das escolas públicas é bastante preocupante e angustiante, pois o sistema de ensino acaba tornando esse “ não hábito” de leitura como um círculo vicioso, e o aluno acaba sendo aprovado para a série seguinte nem sequer dominar adequadamente a leitura, dificultando ainda mais seu aprendizado e o trabalho do professor em sala de aula.

Diante do que observamos neste ponto, destacamos que se torna necessário que o ensino de leitura esteja pautado em fundamentos sólidos, para que não se fracasse no seu processo, sendo fundamental escolher leituras coerentes com a prática cotidiana do aluno e que haja diversidade nessa escolha.

Além disso, notamos nas falas das professoras um silêncio relacionado à infra-estrutura da escola, pois ao indagarmos sobre as dificuldades em se trabalhar a leitura em sala de aula, nenhuma professora menciona nada sobre o espaço onde a leitura deveria ser mais propiciada: a biblioteca, bem como sobre salas apropriadas e acervo suficiente.

Consideramos que uma das principais dificuldades para o ensino de leitura nas escolas diz respeito à ausência de uma infra-estrutura adequada para promover as práticas de leitura, como a falta de bibliotecas, de pessoal especializado, de sala adequadas, de acervo, enfim, são aspectos comuns nas escolas que implicam num ensino que reproduz uma didática ultrapassada para os alunos e que sequer são percebidas pelos sujeitos participantes da pesquisa, ou se percebidas, não mencionadas como principais problemas relacionados à leitura.

Desse modo, notamos que está em evidência o que resulta dessa falta de infra-estrutura adequada: maus hábitos de leitura por parte dos alunos, a aversão à leitura que são conseqüências de um ensino tradicionalista e retrógrado que ainda está pautado numa idéia de que o aluno simplesmente não “gosta” de estudar, não gosta de ler, mas que não se aprofunda nos aspectos que levam os alunos a terem essa aversão por atividades de leitura, o que infelizmente não cabe pensar aqui devido ao espaço e a temática tratada, mas que pode abrir novos horizontes para futuros estudos na área.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizamos a nossa pesquisa, podemos observar, nas respostas dos professores em relação ao questionário aplicado, que o educadores afirmam trabalhar a leitura com seus alunos por meio de leituras de obras do acervo do PNLD, dos livros didáticos, de gêneros textuais diversos, de gibis e leituras dinâmicas.

Além disso, analisa-se que eles têm, e de fato apresentam, muitas dificuldades em trabalhar o hábito de leitura no âmbito escolar. O fato de nem todos os alunos gostarem de ler, o desinteresse por parte deles e até mesmo a existência de alunos em séries mais avançadas que ainda não sabem ler, demonstra a dificuldade desses educadores em consolidar um projeto de formação de hábitos de leitura no ambiente escolar .

Segundo os professores, os alunos, na sua maioria, não gostam de ler e também há um desinteresse da família em ajudar seus filhos a criarem o hábito da leitura, o que acaba desestimulando até mesmo o próprio professor que se esforça para realizar um trabalho de leitura de qualidade em sala de aula, mas que não tem apoio das famílias.

Compreendemos que o sucesso na vida escolar dos alunos tem uma relação muito estreita com a participação da família no processo de aprendizagem, pois ela é responsável pelo processo educacional dos filhos, seja em casa ou contribuindo com a escola. A relação entre escola e família é fundamental no desempenho do processo ensino-aprendizagem.

Ao longo do trabalho procuramos refletir sobre a importância de se trabalhar a leitura na escola desde as séries iniciais e a função da escola e do professor para a formação do leitor, bem como no processo de transformação do indivíduo. Além disso, destacamos a grande importância da figura do professor enquanto mediador do processo de leitura realizado pelos alunos.

Além disso, observamos que o professor, através da leitura em sala de aula, pode contribuir para a formação de leitores competentes, aptos na construção de bases para continuarem aprendendo durante toda sua vida, destinados ao exercício da cidadania e combatendo a alienação e a ignorância.

Para tanto, o ambiente escolar deve estimular a imaginação da criança através de leituras agradáveis e que chamem a atenção desde o início da escolarização da criança e não apenas nos últimos anos da educação básica.

Enfatizamos a atuação do professor em sala de aula, agindo como mediador entre texto e leitor, relação essa, vista por nós, como de extrema importância para o desenvolvimento do

aluno; configurando-se como primordial na formação de leitores competentes. É essa mediação que vai orientar o aluno em sua formação de leitor, visto que possibilita um maior contato do aluno com o texto, além de aproximar os principais sujeitos envolvidos na construção do saber: professor e aluno.

Portanto, é notória a importância da mediação do professor na leitura de diversos gêneros textuais, pois a construção do conhecimento pelos alunos precisa ser um dos focos de atenção e de compromisso do professor.

Compreendemos a necessidade de uma abordagem interacionista da leitura, em que se destaque a relação texto/leitor/contexto para que se realize um trabalho de leitura em sala de aula que de fato construa leitores críticos e proficientes.

Diante da pesquisa realizada, percebemos que há ainda muitas dificuldades a serem enfrentadas no que diz respeito ao trabalho com a leitura no contexto escolar, como a falta do hábito de leitura do professor, o desinteresse por leitura por parte dos alunos, as dificuldades na própria leitura. Há, na verdade, em sala de aula, uma aversão às atividades de leituras, como podemos observar nas falas das professoras participantes da pesquisa e até mesmo uma concepções de leitura por vezes muito restrita, pois ainda há professor que afirma não ler todos os dias por não acreditar que as atividades que realiza diariamente para dar aulas não é um processo de leitura.

Diante disso, percebemos que urge um ensino que preze primordialmente pela leitura, tanto no que diz respeito ao trabalho em sala de aula com os alunos, quanto em relação à formação dos professores, para que estes adotem uma concepção de leitura sócio-interacionista e não apenas um a leitura mecanicista e que está presente exclusivamente no contexto escolar.

Concluimos, finalmente, que a nossa pesquisa trouxe significativa contribuição para a nossa formação, visto que destacamos a importância da figura do professor no contexto de formação de leitores, analisamos os hábitos de leituras dos professores, discutimos como a escola contribui para interesse pela leitura e as principais dificuldades encontradas pelos professores em relação ao ensino de leitura. Assim, esse estudo poderá auxiliar outros educadores a repensarem a sua prática educacional, principalmente no que diz respeito ao ensino de leitura.

5. REFERÊNCIAS

- BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: Ática, 1987.
- BOFF, L. A águia e galinha: uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Vozes, 1997.
Cipriano *et al.* Fazer universidade; uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 2001.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & Linguística: 4ª ed. São Paulo, SP, Editora Scipione, 1994.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil, teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.
- COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil.** Curitiba: IBPEX, 2007.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 48ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação.** Campinas: Mercado da Letras, 1996.
- KOCH, Ingedore Villaça. Ler e compreender: os sentidos dos textos. São Paulo: Contexto, 2006.
- KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura.** Campinas: Pontes, 2002
- KLEIMAN, Angela. Texto e leitura. Campinas: Pontes. Unicamp, 1989.
- _____. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. 8. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. Oficina de leitura: teoria e prática. 10. ed. Campinas: Pontes, 2004
- _____. Oficina de leitura; teoria e prática. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- _____. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008.
- MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo: Paulinas, 2007.
- MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 19ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- NARDI, Nádya Lúcia. Revista Voz das Letras, Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, número 4, I Semestre de 2006.
- PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** São Paulo: Editora 34, 2008.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. O Ato de Ler. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. SILVA, Ezequiel Theodoro da. A produção da Leitura na Escola: pesquisas x propostas. São Paulo: Ática, 2005.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Professor (a),

O presente questionário objetiva coletar dados para o meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – que trata do **TRABALHO COM LEITURA DESENVOLVIDO EM SALA DE AULA**. Se constitui em um trabalho acadêmico de conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia – UEPB - orientado pela Prof^a. Dr^a. Valdecy Margarida da Silva.

Desde já, agradeço a sua colaboração.

Miguely Pereira da Silva – Concluinte do Curso de Pedagogia/UEPB

1. Informações pessoais

Formação: _____

Pós-graduação: () Sim () Não Especificar: _____

Tempo de atuação docente: _____

Série(s) em que leciona: _____

2. Questões propostas:

1. O hábito de leitura é incentivado em sua escola? Como?

2. Com que frequência você costuma ler:

- () todos os dias
- () duas vezes por semana
- () somente nos finais de semana
- () nas férias
- () quase não leio

3. O que você costuma ler:

- revistas
- jornais
- literatura em geral
- livros técnicos
- artigos e outros na Internet
- outros. Quais? _____

4. Que tipo de leitura você gosta?

- auto-ajuda
- romances
- peças de teatro
- paradidáticos
- técnicos
- pedagógicos
- outros. Quais? _____

5. Que tipo de leitura/pesquisa você mais utiliza para preparar suas aulas?

- revistas
- jornais
- internet
- livros em geral
- livros didáticos
- outros. Quais? _____

6. Na sala de aula, que tipo de leitura você oferece a seus alunos?

7. Em sua opinião, seus alunos gostam de ler?

8. Que maiores dificuldades você encontra ao trabalhar com leitura em sala de aula?

9. Quais os recursos que você utilizou, em sala de aula, que deram resultados positivos da leitura do aluno e o que precisa ser melhorado?

10. Você acha o livro didático suficiente no que diz respeito ao trabalho com a leitura? Justifique.

11. Qual a importância de seus alunos terem o gosto pela leitura?